

Ministro Agenor Álvares convoca reunião com representantes dos órgãos envolvidos no convênio para construção do centro de radioterapia do Hospital Universitário. Secretaria do GDF quer assumir o projeto

Intervenção federal

GIZELLA RODRIGUES
DA EQUIPE DO CORREIO

OMinistério da Saúde vai intervir na crise da construção do Centro de Alta Complexidade em Oncologia (Cacon) do Hospital Universitário de Brasília (HUB). Como o Correio apontou em três reportagens ao longo desta semana, a Universidade de Brasília (UnB) não conseguiu concluir as obras do que seria o primeiro centro avançado de radioterapia da rede hospitalar pública do Distrito Federal. Para discutir o problema o ministro da Saúde, Agenor Álvares, convocou uma reunião na segunda-feira com o reitor da UnB, Timothy Mulholland, a diretora do HUB, Tânia Torres, o diretor geral do Instituto Nacional de Câncer (Inca), Luiz Antonio Santini, e o secretário de Saúde do DF, José Geraldo Maciel.

As obras do Cacon estão paradas há 13 meses, consumiram mais de R\$ 5 milhões dos cofres públicos, mas as áreas erguidas já dão sinais de deterioração: há cabos enferrujando, infiltrações nas paredes e áreas alagadas. O mais grave, no entanto, ocorre com os equipamentos médicos. O Inca repassou ao HUB 17 equipamentos de última geração, que custaram R\$ 2,65 milhões e desde 2005 estão armazenados em um galpão, no canteiro de obras do HUB.

A Secretaria de Saúde do DF participou do convênio assinado entre o Ministério da Saúde e a UnB, em 2004, embora nunca tenha estado à frente do projeto. Com a crise do hospital universitário, porém, Maciel está disposto a ter uma participação mais efetiva no convênio. "Se o HUB não tiver condições de continuar as obras, a Secretaria de Saúde tem como assumir isso", afirmou.

O secretário disse que pretende, primeiro, ouvir o que o ministro Álvares tem a dizer. Se perguntado sobre sua posição, Maciel vai dizer que consegue colocar o acelerador linear (veja quadro) em funcionamento no Hospital Regional de Taguatinga (HRT) num período de seis a oito meses. "Estive no hospital hoje e vi que temos espaço físico para isso", garantiu o secretário de Saúde do DF.

A instalação dos equipamentos no HRT é defendida pela Secretaria de Saúde do DF desde 2004, quando o convênio foi firmado. Na época, porém, o Inca deu um parecer contrário à proposta porque o hospital não ti-

nha médicos especializados para manusear o acelerador linear, como oncologista clínico, patologista e físico-médico. Ainda hoje, o instituto é contra e vai levar para a reunião preocupações com o transporte e instalação das máquinas em outro local. Além disso, o Inca defende que não faz sentido abrir licitação para uma nova obra, já que a construção do Cacon está em estágio avançado e consumiu muito dinheiro.

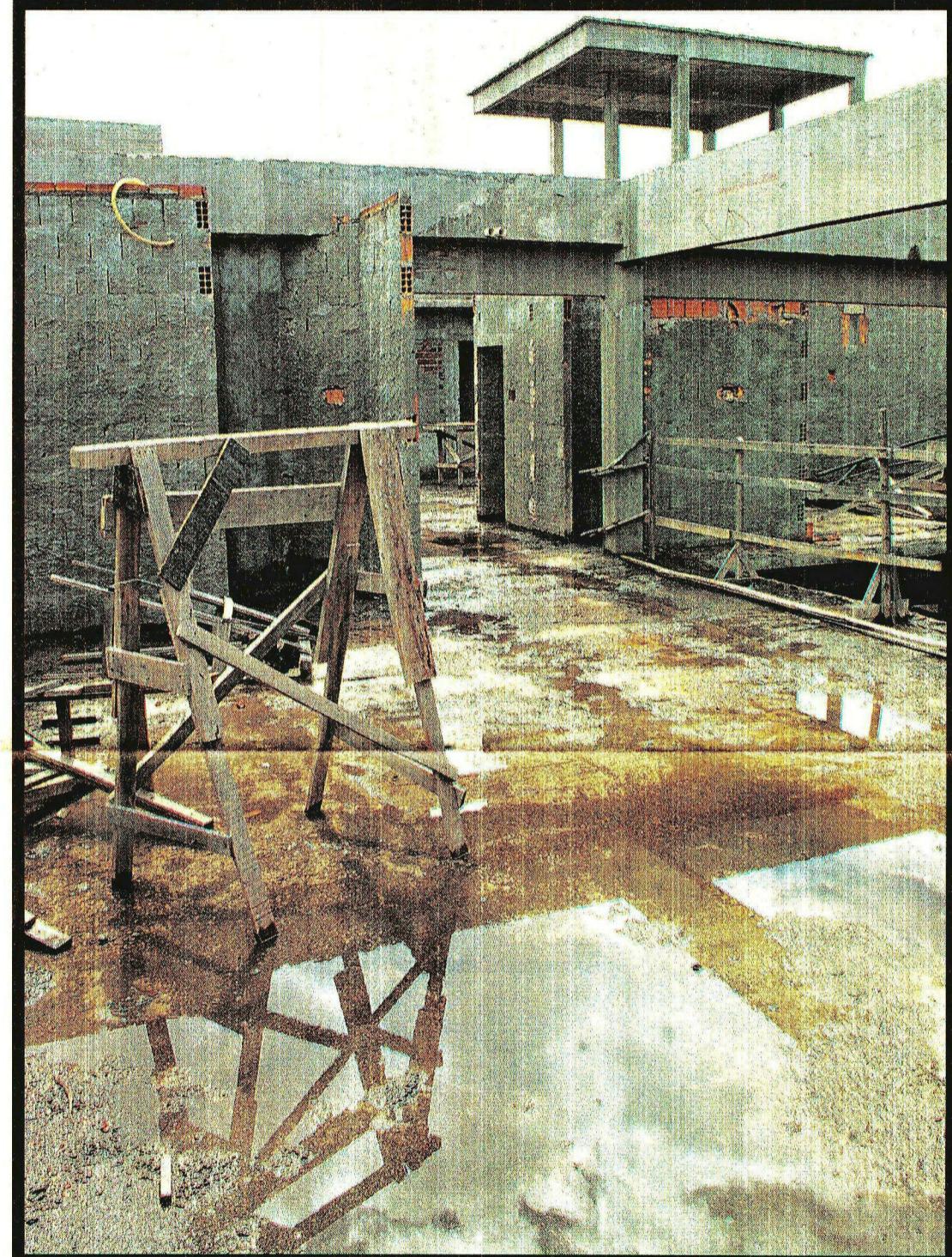
Além do acelerador linear, a Secretaria de Saúde está de olho em outros dois equipamentos já comprados pelo Inca — o Sistema de Braquiterapia de Alta Dose e o Sistema de Planejamento para Teleterapia 3D. Os três são os aparelhos mais caros entre os que estão no galpão da UnB. Só o acelerador linear custa R\$ 1,6 milhão. A rede pública do DF tem um acelerador linear no Hospital de Base de Brasília (HBB), mas o equipamento está velho e apresenta problemas freqüentes. O Sistema de Planejamento para Teleterapia 3D nem existe na rede pública de saúde.

Sala especial

Para abrigar as três máquinas, a Secretaria de Saúde terá de construir uma sala adaptada com proteção contra os raios emitidos durante a radioterapia. As paredes que podem ser atingidas diretamente pelos raios precisam ser construídas em concreto de alta densidade. A porta de aço, forrada de chumbo, é tão pesada que precisa ser acionada por um motor elétrico. Tem aproximadamente 30cm de espessura. Todo o processo deve passar pela aprovação da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN).

Apesar da falta de recursos do governo local, Maciel afirma que não faltará dinheiro para a obra, que custaria entre R\$ 1,5 milhão e R\$ 2 milhões. "É uma obra barata se comparada à necessidade dela. Preciso desses equipamentos. Hoje tenho de mandar pacientes que precisam de radioterapia para fora do DF", justifica o secretário. Cerca de 3,5 mil pessoas precisam fazer radioterapia no DF por ano. O único equipamento da rede de saúde, no HBB, não consegue atender toda a demanda. Mesmo velho, o aparelho funciona em três turnos e faz 81 procedimentos por dia. Ainda assim, pacientes do DF são mandados para hospitais de Anápolis e Goiânia, a um custo de R\$ 20 mil por paciente.

Gustavo Moreno/Especial para o CB



AS OBRAS DO CACON DÃO SINAIS DE DETERIORAÇÃO: CABOS ENFERRUJANDO, INFILTRAÇÕES NAS PAREDES E ÁREAS ALAGADAS

ÚLTIMA GERAÇÃO

ACELERADOR LINEAR

R\$ 1.689.213,31

O acelerador é responsável pela produção de energia das radiações usadas na radioterapia. Hoje, há duas técnicas diferentes de aplicação da radio — a braquiterapia e a teleterapia — e a escolha de cada uma depende da localização do tumor.

SISTEMA DE BRAQUITERAPIA DE ALTA DOSE

R\$ 613.854,79

É a forma mais moderna de braquiterapia. Os aparelhos ficam em contato com o organismo do paciente. Os médicos colorem uma espécie de semente radioativa numa área específica afetada pelo câncer e só ali são emitidas radiações para destruir as células cancerígenas.

SISTEMA DE PLANEJAMENTO PARA TELETERAPIA EM 3D

R\$ 188.108

É uma técnica moderna que não existe na rede de saúde pública do DF. Foi criada para aliviar os efeitos colaterais da radio e restringir as áreas do corpo atingidas pelas radiações.

Risco de problemas

O gerente regional da Siemens — fabricante do acelerador linear guardado num galpão no Hospital Universitário de Brasília (HUB) —, Cláudio Marcelo Ribeiro Campos, não afasta a possibilidade de que o equipamento tenha sido danificado. Na quinta-feira ele visitou as condições de armazenagem do acelerador e constatou que a temperatura e a umidade da construção estão adequadas. Mas disse que só pode garantir o bom funcionamento do acelerador após a sua instalação. "Só podemos saber se houve danos ao abri-lo e instalá-lo. Mas o risco de problemas é baixo, porque as condições de armazenamento são boas", explica Cláudio.

Embalagem

O equipamento usado no tratamento de câncer está na embalagem original e nunca foi aberto. O acelerador linear custou R\$ 1,6 milhão e tem capacidade para atender mais de 80 pacientes por dia. A Siemens entregou o equipamento em maio de 2005 e desde então faz inspeções periódicas no local, para controlar as condições de armazenamento. A temperatura recomendada pela Siemens deve variar entre 18°C e 22°C, e a medição apontou 19°C. Quanto à umidade do ambiente, a recomendação da fabricante é que esteja entre 50% e 60%. A leitura dos medidores ficou em 56%.

As obras do Centro de Alta Complexidade em Oncologia (Cacon) do HUB, prédio que vai abrigar o acelerador, estão paradas há 13 meses. A instalação do equipamento depende da conclusão do edifício. A própria direção do HUB está preocupada com possíveis desgastes ao aparelho e os prejuízos que os danos causariam, principalmente aos pacientes que dependem do tratamento. Cerca de 3,5 mil pessoas fazem radioterapia todos os anos no Distrito Federal.